

INFERNO PROVISÓRIO: VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Ernani Mügge

Universidade Feevale

Resumo: Este artigo se propõe a analisar a maneira como *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato, expõe a violência em suas mais variadas formas, visíveis a partir de relações sociais em que a exploração, a injustiça social e a exclusão se manifestam. Ao evidenciar o percurso do proletariado brasileiro, que progressivamente toma forma, o romance assinala o esboroamento da agricultura de subsistência e a solidificação do período pós-industrial, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Ao mesmo tempo que projeta luz sobre a fragmentação das famílias na zona rural, *Inferno provisório* traduz sonhos e frustrações, buscas e desistências da população jovem, que se dispersa por centros urbanos.

Palavras-chave: Violência; Relações sociais; *Inferno provisório*.

Abstract: This article aims to analyze the way as *Inferno provisório*, by Luiz Ruffato, exposes violence, in its most varied forms, visible from social relations in which the exploitation, the social injustice and the exclusion are manifested. By highlighting the route of Brazilian proletariat, which progressively takes shape, the novel marks the crumbling of subsistence agriculture and the solidification of the post-industrial period, especially from the second half of twentieth century. At same time as shedding light on the families' fragmentations in the country side, *Inferno provisório* translates dreams and frustrations, searches and dropouts of young population, which is scattered throughout urban centers.

Keywords: Violence; Social relations; *Inferno provisório*.

Considerações iniciais

A violência acompanha a humanidade desde sempre e tem assumido múltiplas configurações ao longo dos tempos. Comumente compreendida como conduta que resulta em danos físicos, ela pode, entretanto, também ocorrer a partir das relações entre as estruturas institucionais políticas e econômicas e a população em geral, a qual pode se tornar vulnerável a partir de decisões advindas do poder. Trata-se, aqui, da violência estrutural, que é

aquela que oferece um marco à violência do comportamento e se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte (Minayo, 1994: 8).

Na configuração da sociedade capitalista brasileira, a violência estrutural pode ser percebida a partir da incapacidade do Estado de assegurar condições dignas ao trabalhador, que, seduzido pela aparente garantia de ascensão social, migra para polos industriais em busca de vida melhor, originando e dilatando, não raramente, bolsões de pobreza.

O atual modelo social classista brasileiro advém de um processo de industrialização que tomou vulto durante o Estado Novo. “A partir de novembro de 1937, o Estado embarcou com maior decisão em uma política de substituir importações pela produção interna e de estabelecer uma indústria de base” (Fausto, 2014: 203). A ideia fortaleceu-se com a entrada do Brasil na Segunda Guerra, em 1942, quando o governo assumiu a supervisão da economia, com a criação da Coordenação de Mobilização Econômica.

Na década de 1950, o capital estrangeiro impulsionou o processo de industrialização no Brasil, o que levou o mercado interno a suprir, de modo considerável, as demandas de bens duráveis. No dia 02 de fevereiro de 1956, o recém-empossado presidente da República, Juscelino Kubitschek, publicou, no *Diário Oficial*, seu Plano de Metas, “o primeiro e o mais ambicioso programa de modernização já apresentado ao país” (Schwarcz; Starling, 2015: 415). Tratava-se de uma agenda que previa a aceleração do crescimento econômico do país e que, entre outras coisas, intensificava o processo de industrialização.

Luiz Ruffato, ao circunscrever as narrativas de *Inferno Provisório* entre os primeiros anos de 1950 e o início do século XXI, elucida, via ficção, o impacto do

processo de industrialização e modernização na sociedade brasileira. Para tanto, coloca em cena personagens que são seduzidas pela possibilidade de se inserirem em um novo contexto, no qual a ascensão econômica e o consequente reconhecimento social se tornem um fato. A mudança, entretanto, muitas vezes implica perdas, em especial, de vínculos afetivos e familiares.

Acompanhar a trajetória desses seres criados pela imaginação possibilita ao leitor de *Inferno provisório* defrontar-se com a realidade empírica, acompanhando a trajetória de atores sociais desde sua saída das regiões de colonização italiana, na Zona da Mata mineira, até as cidades industrializadas, especialmente do estado de São Paulo.

1 A sedução da cidade e o abandono do campo

A narrativa que abre *Inferno provisório*, intitulada “Uma fábula”, tem como uma de suas personagens André Micheletto. Décimo terceiro e último filho de um casal de agricultores que se estabeleceram na região de Rodeiro, Minas Gerais, desde cedo se vê seduzido pelos encantos do além-fronteiras, desafiando o destino projetado pelo pai:

Orgulhoso, aos quinze anos André já conduzia seu nariz às roças fronteiras de Rodeiro, alugando a enxada em jornadas para os lados de Diamante e para os lados do Corgo do Sapo, nunca para as direções da Serra da Onça (Ruffato, 2016: 21).

A preferência do jovem por determinado espaço geográfico – Diamante e Corgo do Sapo – em detrimento de outro – Serra da Onça – antecipa, ao leitor, os futuros passos da personagem, pois o confronto entre esses dois espaços geográficos coloca em oposição campo e cidade, atraso e progresso, tristeza e alegria.

A opção de André em buscar outra alternativa de vida é sugerida pela passagem que descreve sua mudança após o trabalho. Ao final da lida na roça, a figura do roceiro se transforma em um morador de cidade:

esculachado em dentro do brim e da camisa de manga comprida riscada, bota dura no pé, chapéu de palha esfiapado, cigarro sem filtro margando o céu de boca lavados os pés, a cara, os braços e as partes virava outro, iludido em cima de sua Görike, espelhos retrovisores e campainha trim-trim no guidão, punhos com franjas multicoloridas, limpa-raios nas rodas, para-lamas e capa de selim com escudos do Botafogo, farol de dínamo, muda de roupa limpa, dentes brilhosos, cabelos finos assentados com Brylcreem, perfume ordinário no cangote, enfiando-se pelas ruas (Ruffato, 2016: 21).

A preocupação com a aparência e o cuidado com os apetrechos da bicicleta, de procedência alemã, revelam o desejo de um futuro longe da roça. A propriedade do pai já não o satisfaz, e a própria Cataguases é pequena diante de seus olhos.

[...] um zumbido nos ouvidos, um dia encorajar-se, aventurar em Ubá, dizem que cidade grande, de amplas modernidades, espiava o ônibus resfolegante na praça, Cataguases-Ubá, janelas pintadinhas de olhos, baixava a canga, iria ainda, deixa estar, arrumava emprego numa fábrica de móveis, ganhava dinheiro, punha um implante de dente de ouro na boca, e, depois sim, caçava uma noiva, casava, pois, a que outro fim se destina a vida (Ruffato, 2016: 22).

André simboliza a gênese do processo de migração do campo para a cidade, que caracteriza o esboroamento de uma estrutura pautada pela produção agrícola. “Entre 1940 e 1970, o Brasil saiu de uma sociedade agrária e ingressou na era industrial” (Pastore; Silva, 2000: 2). A busca por empregos transformou progressiva e rapidamente o cenário urbano:

Em 1940, o Brasil tinha apenas 51 cidades de mais de 20 mil habitantes, compondo 16% da população total. Em 1950, o número de cidades passou para 85 e, em 1960, para 155. Nesta data, o Brasil já tinha 6 macro-cidades (i.e., mais de 500 mil habitantes) e a população residente em cidades de mais de 20.000 habitantes já correspondia a 29% do total. Embora as cifras sejam bastante precárias, estima-se que o êxodo rural foi da ordem de três milhões, na década de 40, e de sete milhões na década de 50 (Martine; Garcia, 1987: 60-61).

Ruffato realça esse processo migratório na medida em que cria uma série de personagens que, tal qual André, estendem seu olhar para além das fronteiras. Na representação, Rodeiro se constrói como espaço rural que acolheu, em épocas passadas, os imigrantes italianos, mas que sofreu as consequências do processo migratório. Encurralados pela falta de políticas que lhes garantissem uma sobrevivência digna no campo, os filhos de agricultores migram em busca de melhores condições de vida. Esse é o caso de Zito Pereira, personagem de “A danação”:

Quando completou dez, onze anos, a roça de milho e fumo que tocavam à meia desandou, empurrando-o para longe da família. Arranjou-se em Cataguases, nos fundos de uma oficina mecânica, entrou no SENAI, Deus sabe como, e de lá atirou-se à vala comum, São Paulo (Ruffato, 2016: 66).

O destino de Zito foi o de muitos outros, o que tornou a região agrícola um espaço despovoado. A situação de abandono do campo aparece em “O segredo”, pelos

olhos da personagem Francisco Pretti, que, após décadas, visita o lugar de sua infância, em Bagagem, nas proximidades de Rodeiro:

Lá longe, uma casinha de sapé, fechada, abandonada, [...]; outra, suspensa no despenhadeiro, paredes arriadas, destelhada, a cruz envolvida numa massa disforme, um dia papel-crepom colorido, ainda agarrada à porta agora desnecessária... [...] À beira do caminho, as choças iam ficando para trás, ali morava o Orlando Spinelli; lá, a fazenda dos Bettio; acolá, os Finetto; na virada do morro, os Benvenuti... Alá!, os meninos roçando o pasto, colhendo milho, cavucando buraco atrás de tatu, de lagarto... Alá!, [...] E mato, mato, mato (Ruffato, 2016: 122-123).

Em artigo publicado no *El País*, o próprio Ruffato esclarece o destino dos imigrantes italianos que se estabeleceram na Zona da Mata mineira. De acordo com o autor, durou pouco a euforia dos imigrantes italianos que vieram para a região, na segunda metade do século XIX, fugindo da miséria do Vêneto:

Já no final da primeira década do século XX, a economia da Zona da Mata estava inteiramente desmantelada – o golpe fatal dado pela quebra da bolsa de Nova York em 1929 e a tomada do poder central por uma nova elite política, no ano seguinte. Assim, a região mergulhou num processo de letargia, que absorveu a quase totalidade de suas cidades. O empobrecimento empurrou as famílias imigrantes para a agricultura de subsistência, em terras pouco férteis e distantes dos centros consumidores (2016, s/p).

Durante o percurso, alguns imigrantes conseguiram acumular, como trabalhadores nas fazendas de café, um pequeno capital, que lhes serviu para adquirir pequenos lotes de terras. Consoante Campoli (*apud* Giroletti),

muitos imigrantes italianos tornam-se produtores autônomos de café em pequenas e médias propriedades, adquiridas por eles com recursos acumulados na agricultura, na prestação de serviços como assalariados ou mediante a compra de um módulo de terra quando de sua participação na fundação de núcleos coloniais organizados pelo governo ou por particulares nas Zonas da Mata e do Sul (Campoli, 2013:118).

Entretanto, de acordo com Ruffato, viviam de forma “espartana”, “isolados em suas propriedades montanhosas, muitas vezes de difícil acesso, vencidas as distâncias a custo por meio de cavalos, charretes ou carros de boi” (2016, s/p). É possível correlacionar esse cenário do mundo empírico com o contexto ficcional que se abre diante do professor Francisco Pretti, quando de sua ida a Bagagem.

2 Cataguases: o desencanto

Se, em meio ao desvairado processo de industrialização por que passa o país, Rodeiro representa o arcaico, o ultrapassado, o que agoniza, Cataguases, apesar de cidade que ostenta algumas indústrias – Manufatora, Industrial, Saco-Têxtil, Irmãos Prata – se revela, na obra ruffatiana, como lugar do desencanto, que perdeu sua atração diante de cidades mais industrializadas do eixo Rio-São Paulo. A frustração de grande parte dos trabalhadores de Cataguases tem suas razões: a condição de assalariados lhes garante somente o mínimo para a sobrevivência, negando-lhes a condição de uma vida digna. Nessa conjuntura, a opção de moradia de parte das personagens é o Beco do Zé Pinto, uma espécie de cortiço situado na região periférica da cidade. Estabelece-se, assim, o que Robert Castel assinala como uma das características da “condição proletária” do início da industrialização, e que ainda se mantém: “uma remuneração próxima de uma renda mínima que assegura apenas a reprodução do trabalhador e de sua família e que não permite investir no consumo” (1998: 419).

Hélia é uma das personagens de Ruffato que, em um desabafo com as amigas, sintetiza sua condição proletária: “Estou cansada... Cansada de morar nesse beco... nessa bagunça... nem um quarto só pra mim eu tenho!... E estou de saco cheio da fábrica... acordar cedo... aguentar o Jacy...” (Ruffato, 2016: 75).

A vida de Hélia resume-se na seguinte rotina:

[...] ligar o rádio, almoçar sem vontade, tomar um gole de café requentado, deitar na cama, mastigar os minutos à espera da hora de regressar para a fábrica, pegar o cataníquel, apear, conversar rapidamente com uma ou outra colega, ouvir o apito, bater o cartão de ponto, e se enterrar de novo na fornalha da tecelagem, todos os dias, todos os meses, todos os anos, até o fim dos tempos... (Ruffato, 2016: 78).

Não vendo saída para sua vida – “Não. Nunca vou conseguir sair desse inferno” (Ruffato, 2016: 79) – decide se jogar no Rio Pomba, mas é impedida pelo ex-namorado, que a leva para casa. Na narrativa, o destino da personagem permanece em aberto.

Enfatize-se, também, que a dinâmica do trabalho assalariado exerce forte influência nas práticas sociais. Uma vez que precisam cumprir horários fixos, os trabalhadores não conseguem participar de eventos que ocorrem no horário de expediente. Na ocasião do trágico falecimento de Marquinho, personagem de “A mancha”, a mãe vê-se privada de receber o apoio de amigos: “Amanhã o pessoal sai cedo pra trabalhar, cinco e meia, às seis a fábrica apita, não vai ninguém no enterro?” (Ruffato, 2016: 30).

Cataguases passa a ser, assim, um lugar detestado por parte de seus habitantes, especialmente jovens, ávidos por ascensão social que, acreditam, possa ser alcançada mediante um emprego em uma cidade industrial. Se o sonho de André, no início da narrativa, é trabalhar em uma empresa de móveis em Ubá, agora as atenções de seus conterrâneos se voltam para São Paulo e Rio de Janeiro. É o caso de Jorge Pelado que, jovem ainda, se vê envolvido pelo desejo de deixar a cidade, motivado pela miséria: “(Todos os domingos, Jorge Pelado ia para a rodoviária espiar o ônibus de Cataguases. Ensaiaava o dia em que compraria uma passagem e, todo lorde, na primeira poltrona, cumprimentaria os conterrâneos” (Ruffato, 2016: 187). Chega a imaginar a reação das pessoas quando retornasse para uma visita: “Aquele ali não é o Jorge da Bibica? É sim... Como está mudado... É, endinheirou... Roupa de ver Deus...Quem viu ele sair assim, uma mão na frente, outra atrás... nem acredita” (Ruffato, 2016: 187).

A personagem Jorge, portanto, pode ser vista como síntese do ator social que, em função de sistemas econômicos pautados pela exploração e exclusão, vive em condições sub-humanas, a ponto de fazer, do desejo de mudança, seu objetivo de vida.

“Cicatrizes” expõe de maneira protocolar essa realidade. Ao voltar, à noite, de um jogo de futebol contra o Ideal, de Recreio, o ônibus que leva os jogadores do Botafogo Futebol Clube de Cataguases para em um posto de combustíveis à margem da rodovia Rio-Bahia, por causa de um problema mecânico. O menino Paco, filho do fundador do clube, o ex-carroceiro seu Miguel, que acompanhava o elenco, com vergonha de acompanhar os adultos ao mictório, decide procurar um canto na escuridão para urinar. Durante o trajeto,

[...] esbarra em dois escangalhados caminhões, gêmeos em sua desamparada ruína. Intrigado, vazias as boleias, passos descalços movem-no temerosos, curiosos, entre as carrocerias de lonas esburacadas pareceu escutar sussurros, murmúrios, para. Orelhas afiladas, coração açulado. O breu. Ribombam motores que irrompem da estrada. Passos descalços movem-no temerosos, curiosos, perfila-se à traseira do F-600, a capota exala mau hálito. Receso, seus dedos miúdos arrojados franqueiam uma pequena fresta do fundo da treva brilham dezenas de faíscas alumando seu pálido rosto aterrorizado, “Menino, onde é aqui?”, uma débil voz indaga, ignoto sotaque; parálítico o corpo estaca, mãos esqueléticas rostos encaveirados, “Que povoado é esse, menino”, e, seca, a língua é medo e é pavor, “É São Paulo já?”, avoluma o burburinho, “É?”, e descarnados braços oferecem-se em murchas bocas, “Vai pra São Paulo também?, geme um bebê, “Amonta aqui”, risos, “Ô menino!” (Ruffato, 2016: p. 147).

Trata-se de trabalhadores de indústrias que, por motivos similares aos de Jorge, dirigem-se a São Paulo em um pau de arara, em busca de algum trabalho que lhes garanta o mínimo para sua sobrevivência.

Em “Aquário” aparece novamente o processo migratório pela Rio-Bahia. Ao passar por Leopoldina, em direção ao litoral capixaba, Carlinho e a mãe veem a movimentação dos coletivos pela rodovia:

Ônibus apinhados descem ligeiro a Rio-Bahia.
Vão para onde?
Vão para onde?
Vão para o Rio de Janeiro.
Vão para São Paulo.
Não voltam mais. Nunca mais (Ruffato, 2016: p. 147).

O polo industrial funciona, portanto, como uma espécie de ímã, que atrai e, conforme sugere o trecho destacado, fixa permanentemente os atores sociais que são impulsionados a engrossar a massa de trabalhadores nas cidades.

3 Nova realidade: a (não) conquista

As personagens de Ruffato que migram para São Paulo têm destinos variados: alguns conseguem prosperar, enquanto outros permanecem na miséria, como a própria lógica que se estabelece no mundo empírico, em que se constitui um quadro de desigualdade significativo nas regiões atingidas por processos migratórios. É preciso considerar, todavia, que nem sempre a ascendência econômica significa atendimento a todos os requisitos para uma vida digna. Pastore e Haller, em estudo sobre a mobilidade social no Brasil, constatam que “a grande maioria subiu um ou dois degraus na escada social. Mas, em função de o status social dos pais ser muito baixo, qualquer movimento dos filhos representou uma promoção social” (1993: 29). Por essa razão, afirmam, “O Brasil dos anos 50, 60 e grande parte dos 70 teve uma população que se sentiu promovida em relação aos seus pais e ao seu próprio início da carreira, apesar de o país continuar pobre, com condições de habitação, saneamento, saúde e educação precárias” (Ruffato, 1993: 30).

Esse parece ser o caso da personagem Gildo, de “Amigos”, filho de dona Marta e de seu Marciano, moradores próximos do Beco do Zé Pinto, que migra para São Paulo e trabalha como operário em uma empresa. De volta a Cataguases, para uma visita à mãe na véspera de Natal, ostenta sua (nova) condição ao amigo Luzimar, alcançada em sete anos como embalador: “Fui pra lá, arrumei emprego, ganho bem, comprei até carro,

você viu?, um fusquinha verde aí fora, mando dinheiro pra mãe... Dá até pra ajudar a Ana Elisa e a Ana Lúcia de vez em quando, lembra delas?” (Ruffato, 2016: p. 245, 256). Presenteia a mãe, ex-professora de corte e costura, com um televisor para o Natal e festeja o encontro com o amigo com rodadas de cerveja, iniciativas que revelam sua condição econômica diferenciada.

O fusca 1300 e o televisor constituem-se em símbolos do progresso; são bens materiais com os quais sonha a classe média-baixa. Dialoga com esses bens, a vestimenta de Gildo – bermuda jeans, camiseta de propaganda puída, chinelo havaiana – na medida em que constitui a figura de quem curte as férias sem preocupações – e o cenário da casa: capas de tecido ordinário que protegem o sofá da poeira; o cinzeiro em forma de coração sobre a mesinha de centro, a margarida de plástico no solitário, assim como as rodelas de salame com palitos espetados em pratinho de papelão, servidas como tira-gosto e a sidra na geladeira com a qual irão brindar o Natal.

Diferente é a situação de Luzimar, ainda morador da cidade, que vive na pobreza. Funcionário da Manufatora, não tem sequer condições de comprar um presentinho para a namorada. Anda de bicicleta, e sua imagem é bem diferente: quando a mãe de Gildo vai chamar o filho, “Luzimar esfrega a graxa seca dos dedos no forro do bolso, espana os minúsculos fiapos de algodão agarrados nos cabelos, na camisa, na calça” (Ruffato, 2016: 242).

O sentimento de superioridade de Gildo em relação ao amigo se escancara no seguinte trecho:

– Eu tenho pena de você, cara. Pena mesmo, juro... Porque você está fodido... Já estou até vendo: daqui a pouco vêm os filhos, uma fieira deles, e você aí, dando duro na fábrica... O salário não chega, eles param de estudar, vão pegar no batente pra ajudar... E você ficando velho... Um dia, quando menos perceber, acabou... é o fim da linha... E que merda de vida você levou, cara!, que merda de vida! (Ruffato, 2016: p. 248).

O comportamento pode ser traduzido como prepotência, na medida em que institui uma hierarquia a qual desequilibra as forças de poder: se, antes da ida a São Paulo, a condição econômica dos dois era idêntica, o que os mantinha em uma relação cordial, agora, a amizade sofre grave abalo. Ao final da narrativa, quando Luzimar, preocupado com Soninha, a namorada, finalmente consegue se desvencilhar de Gildo e sai pedalando sua bicicleta, este, visivelmente alterado por não ter sido atendido, corre até o meio da rua e grita-lhe impropérios: “Vai, panaca, vai cuidar da mulherzinha! Vai, bundão! Trouxa! Panaca! Vai!” (Ruffato, 2016: 249). Dessa forma, o leitor percebe que

Gildo, ao ascender socialmente, sofreu um processo de metamorfose, assumindo um outro lugar, em que se destacam a arrogância e o individualismo.

Para Valdomiro, personagem de “Mirim”, São Paulo também representou a possibilidade de vida mais digna. Lá chegou no ano de 1967, “mão na frente, mão atrás, nem blusa direito” (Ruffato, 2016: 286) e empregou-se na Conforja, a maior forjaria da América Latina, em Diadema. Entretanto, a atividade na indústria foi prematuramente interrompida em função de uma escoliose. Não há referência sobre a vida que a personagem levava em Diadema, o que faz o leitor inferir, com base nesse silenciamento, que nada de marcante tenha ocorrido, ou seja, que a vida de Valdomiro tenha sido uma extensa rotina. De certa maneira, seus guardados atestam a afirmação:

estufados envelopes pardos, carteiras profissionais e do INPS, receitas e atestados médicos, chapas e resultados de exames de urina e sangue, santinhos e números antigos da *Revista Placar*, a carta lavrando a aposentadoria, a amarelada fotografia: sentado, braços debruçados sobre a mesa, à esquerda uma plaquinha, Grupo Escolar Padre Lourenço Massachio, à direita o globo terrestre, ao fundo, semienroladas, as bandeiras do Brasil e de Minas Gerais (Ruffato, 2016: 285).

A fotografia assume importância fundamental na vida de Valdomiro, internado no Centro de Recreação do Idoso, pois convoca a lembrança do momento “mais arco-de-triunfo da sua vida” (Ruffato, 2016: 288). Ao fazê-lo, descarta a importância da carteira de trabalho, colocando-a na condição de algo necessário apenas para a sobrevivência, mas sem a energia de marcar um momento inesquecível.

A escolha da imagem da infância por parte de Valdomiro problematiza o sentido de felicidade, assim como ocorre em “O aquário”, quando Carlinho é perguntado pela mãe se ele conseguiu ser feliz em São Paulo. Diante da pergunta, a personagem hesita e não consegue ser afirmativa, como pode ser visto no seguinte excerto:

– E você, Carlinho... Você que largou tudo e foi embora... Você conseguiu ser... feliz?
Carlos acende um cigarro.
– Conseguiu?
– Do meu jeito... acho que sim...
– Que jeito?
– Meu jeito... (Ruffato, 2016 : 254).

Seu plano de viver uma vida nova – “Eu queria deslembrar minha história. Pensava desmanchar as paredes do meu passado e fundar meu presente sobre novos alicerces” (Ruffato, 2016: 257) – não deu certo: fracassou com o término de seu casamento com Mariana, uma das filhas de seu chefe na firma de autopeças em Santo

André. A saída que encontrou foi recuperar seus antigos laços afetivos com a mãe, em Cataguases.

Se Gildo está convencido de ter encontrado a felicidade, em Valdomiro e Carlinho o leitor não encontra a mesma percepção, o que pode ser justificado pela juventude de um e pela experiência dos outros. A estes, alia-se Baiano, para quem a estadia no Rio de Janeiro foi consideravelmente negativa, em função de sua personalidade. “Desde cedo renegou patrão, não por temor de pegar no pesado, que despossuía, mas por vagas ideias de não se querer cavalgado” (Ruffato, 2016: 166). Chegado ao Rio, conseguiu emprego em uma oficina de conserto de bicicletas, em Bangu,

calor dos infernos, sete meses fedendo
a óleo
lubrificando e engraxando cubos e blocos e rolamentos
banhando correntes no querosene
trocando aros e raios e catracas e coroas e pedais
desempenando rodas
testando câmaras de ar
trocando paralamas e sapatas de freio e selins e pneus
soldando garupeiras e garfos
convencendo-se de campainhas e limpa-raios e espelhos e faróis e bombas e cadeados e franjas
para punhos
e distinguindo marcas (Ruffato, 2016: 166).

A enumeração das ações e a repetição da vogal “e” apontam para a rotina que se estabelece na vida da personagem, ao mesmo tempo que expõem as obrigações do trabalhador, que o levam ao alcoolismo e ao retorno a Cataguases, motivado por uma paixão. Na cidade de origem, foi “Pau pra toda obra, de tudo um pouco Baiano fez” (Ruffato, 2016: 167).

Ruffato, ao expor ficcionalmente os efeitos do processo de industrialização no Brasil, revela um cenário em que pelo menos parte de suas personagens, por fatores diversos, têm êxito na sua empreitada, basicamente porque o emprego nas grandes indústrias lhes proporciona melhores condições de sobrevivência. O contexto exposto na narrativa ruffatiana se coaduna com a afirmação de Wilnês Henrique, para quem a “industrialização brasileira representou, para alguns novos segmentos da população, o acesso efetivo a padrões de consumo [...] e, para outros, o sonho nem sempre alcançado da ascensão social e da melhoria de vida” (1998: p. 80). Ficam excluídos do processo,

entretanto, aqueles que não se adaptam minimamente à rotina do exaustivo e repetitivo trabalho em uma empresa.

Considerações finais

A análise da trajetória das personagens de *Infêrno provisório*, selecionadas para este estudo, permitiu construir, sinteticamente, o panorama do processo de industrialização no Brasil, impulsionado por um projeto desenvolvimentista materializado em sucessivos pactos políticos que influenciaram de maneira decisiva o contexto social brasileiro. Como visto na análise, os pequenos produtores, esquecidos pelo poder público, foram sufocados e viram os filhos serem seduzidos pelas luzes do progresso e abandonarem suas terras. Assim, em poucos anos, as propriedades dos imigrantes italianos de Rodeiro e arredores constituíram uma grande extensão de terra desabitada.

Diante da impossibilidade de os atores sociais alcançarem vida digna como empregados nas poucas indústrias que figuravam em Cataguases, as cidades em plena expansão industrial tornaram-se o alvo, especialmente os municípios do estado de São Paulo. Apesar de a maioria deles alcançar uma condição de vida melhor do que a que levavam em Cataguases, o nível salarial e a própria dinâmica de trabalho no setor industrial não lhes asseguraram acesso a uma vida confortável, de modo que se pode falar em violência estrutural, que se manifesta a partir da lógica da política empreendida pelas estruturas de poder. Ocorrem o empobrecimento e a completa aniquilação da pequena propriedade; constitui-se um quadro de penúria em Cataguases, cidade em que se veem o surgimento de bairros pobres, sem as mínimas condições de infraestrutura, ao largo da margem do Rio Pombo, e a edificação de cortiços, como o Beco do Zé Pinto; e, por último, verifica-se a constituição de uma massa de trabalhadores nas cidades industrializadas, mas que, por motivos diversos, não encontram a felicidade. O processo é permeado pela fragmentação da família, pela ruína de laços afetivos, pela perda da relação com o local de origem e, com isso, da própria identidade.

TRABALHOS CITADOS

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2014.

GIROLETTI, Domingos. Participação dos imigrantes italianos no desenvolvimento de Minas Gerais. In: RADÜNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (Orgs.). *Imigração e sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil*. Caxias: Ed. Univ de Caxias do Sul, 2015. p. 328-85.

HENRIQUE, Wilnês. Questão social e políticas sociais no Brasil. In: OLIVEIRA, Carlos Alonso Barbosa de et al. *Economia & trabalho: textos básicos*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; Instituto de Economia, 1998.

MARTINE, G. Êxodo rural, concentração urbana e fronteira agrícola. In: MARTINE, G. e GARCIA, R.C. *Os impactos sociais da modernização agrícola*. São Paulo: Caetés, 1987. p. 59-79.

MINAYO, M. C. de S. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde pública*, n. 10, p. 7-18, suplemento 1, 1994.

PASTORE, José; HALLER, Archibald O. O que está acontecendo com a mobilidade social no Brasil? In: VELLOSO, João Paulo dos Reis; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de (Orgs.). *Pobreza e mobilidade social*. São Paulo: Nobel, 1993.

PASTORE, J.; SILVA, N. V. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Makron Books, 2000.

RUFFATO, Luiz. *Infêrno provisório*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RUFFATO, Luiz. Os italianos invisíveis de Minas Gerais. *El País*, 13 jan. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/13/opinion/1452701029_579409.html Acesso em: 06 jun. 2018.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Ernani Mügge possui graduação em Letras, Português/Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991), Especialização em Linguística do Texto pela mesma Universidade (1993) e mestrado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). É doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professor e pesquisador da Universidade Feevale, atuando no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado Profissional em Letras. Atua no Grupo de Pesquisa Linguagens e Manifestações Culturais, constituído pelas linhas de pesquisa "Linguagens estéticas: processos e produção" e "Aquisição e desenvolvimento da linguagem". Entre outras publicações, é coautor do livro *Literatura na Escola - Propostas para o Ensino Fundamental*

(Artmed). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e metodologia de ensino da literatura. E-mail: ernani@feevale.br

Artigo recebido em 25/03/2020. Aprovado em 26/04/2020.